

Segregação socioespacial do Distrito Federal nos documentários “Conterrâneos Velhos de Guerra” e “A Cidade é uma Só?”¹

Denise OLIVEIRA²
Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

Este artigo visa analisar a abordagem da segregação socioespacial do Distrito Federal nos documentários “Conterrâneos Velhos de Guerra” (1990), de Vladimir Carvalho e “A Cidade é uma Só?” (2011), de Adirley Queirós por meio de análise de conteúdo. Os documentários retratam histórias de exclusão de trabalhadores na capital do país, inaugurada em 1960. A proposta é analisar o papel do documentário, como gênero estratégico de comunicação audiovisual, na discussão de questões sociológicas, históricas e geográficas como o caso da segregação socioespacial do Distrito Federal.

PALAVRAS-CHAVE: Estratégias de comunicação, documentário, segregação socioespacial, Distrito Federal.

INTRODUÇÃO

A transferência da nova capital para o interior do país em 1960 foi um fato histórico de grande importância para o Brasil. O fenômeno foi registrado pelas lentes de inúmeros cineastas e fotógrafos, comentado e analisado por intelectuais de todo o mundo desde o início da construção da cidade. Assim, todos os passos da grande “epopeia”, liderada pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK), podiam ser vistos pelos brasileiros.

A antropóloga Ariana Timbó, na tese “Narrativa antropológica do cinema brasileiro” reforça que o cinema documental é a vocação de Brasília (TIMBÓ, 2006, p.44). Muitos registros em película “surgiram com a necessidade oficial de registrar a grande empreitada da construção da capital” (TIMBÓ, 2006, p.44). Isso tornou a cidade

¹ Trabalho apresentado no GP Políticas e Estratégias de Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharela do Curso de Comunicação Organizacional da FAC/UnB, e-mail: dennycomunica@gmail.com

muito peculiar e inclinada à necessidade de “documentar a história, de formar uma memória sobre a nova capital” (TIMBÓ, 2006, p.47).

Fazem parte dessa safra documental os filmes “Conterrâneos Velhos de Guerra” (1990), de Vladimir Carvalho e “A Cidade é uma Só?” (2011), de Adirley Queirós. têm como mote a cidade e suas contradições. A proposta deste trabalho de investigação é, analisar, por meio de metodologia de análise de conteúdo, a abordagem da segregação socioespacial do DF e compreender como as duas obras se relacionam com o tema, partindo da premissa de que os documentários são estratégias de comunicação para denunciar esse processo.

“Conterrâneos Velhos de Guerra” (1990) narra a saga de operários nordestinos na construção de Brasília. O filme rodado em 35 milímetros (mm) levou quase vinte anos para ser concluído. Com 153 minutos, venceu nas categorias melhor filme e melhor direção na 23ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, no ano 1990, onde foi exibido pela primeira vez. O diretor acompanhou depoimentos de trabalhadores que vieram para Brasília em busca de melhores condições de vida, mas enfrentaram situações adversas como péssimas condições de trabalho, exclusão socioespacial, pobreza, entre outros problemas.

Com quase meio século de cinema, Vladimir Carvalho tem uma vasta produção. Entre outras obras, dirigiu “A Bolandeira” (1969), “Vila Boa de Goyaz” (1973); “O Espírito Criador do Povo Brasileiro” (1973); “Itinerário de Niemeyer” (1973); “Incelência para um trem de ferro” (1975); “Quilombo” (1975); “A Pedra da Riqueza” (1976); “Mutirão” (1976); “Pankararu de Brejo dos Padres” (1977); “O País de São Saruê” (1979), “Brasília segundo Feldman” (1979), “Persegui” (1981), “O Homem de Areia” (1982); “O evangelho segundo Teotônio” (1984); “No Galope da Viola” (1989); “A Paisagem Natural” (1990); “Com os Pés no Futuro - Zum-Zum (1996)”; “Manejo Florestal” (1998), “Barra 68 - Sem perder a ternura” (2000); Pátria Amada Brasil (2001), “Engenho de Zé Lins” (2006) e “Rock Brasília, Era de Ouro” (2012) (GAUTHIER, 2011, p. 108).

Representante da nova geração de documentaristas de Brasília, Adirley Queirós desponta na cena cinematográfica do Brasil com “A Cidade é uma só?” (2011). O documentário revisita as contradições da capital cinquenta anos após a inauguração, aborda questões como “pertencimento” e busca compreender a identificação dos personagens com a cidade num cenário polarizado: Ceilândia versus Plano Piloto.

Através do olhar de três personagens, Nancy Araújo, Dildu e Zé Bigode, “A Cidade é uma Só?” resgata memórias do surgimento da Ceilândia. Formado em Audiovisual pela UnB, morador de Ceilândia e criador do Coletivo de Cineastas Independentes de Ceilândia (CeiCine), Adirley dirigiu também os filmes “Rap – O Canto da Ceilândia” (2005), filme “Dias de Greve” (2009), “Um homem que voa: Nelson Prudêncio” (2013); “Branco Sai, Preto Fica” (2015) e “Era uma Vez Brasília” (2017).

SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL DO DISTRITO FEDERAL

Como “meta síntese” do governo Juscelino Kubitschek, a construção de Brasília representava a realização de um ideal desenvolvimentista de “crescimento e integração nacional” (FERREIRA, 2010). Para conter a oposição que se formava e legitimar a mudança da capital, o governo de Juscelino Kubitschek usou forte campanha com a retórica da fundação de um “novo Brasil” (HOLSTON, 1993, p. 29). Nesse discurso utópico, Brasília é apresentada como um “antídoto” para o problema da estratificação social e como “berço” de uma nova sociedade, mais igualitária e sem discriminação social (HOLSTON, 1993, p. 29).

No livro “A Cidade Modernista”, o antropólogo James Holston, faz profunda crítica ao planejamento de Brasília e escancara as contradições de um projeto utópico de uma cidade que deveria “marcar a alvorada de um novo Brasil” (HOLSTON, 1993, p. 199). “Essa diferença utópica entre a capital e o país significava que o planejamento de Brasília tinha de negar o Brasil existente” (HOLSTON, 1993, p. 199). Para Holston, Brasília significava a negação das condições existentes na realidade brasileira, quando planejada com o intuito de criar uma nova dinâmica social e ser um modelo de práticas sociais radicalmente diferentes do que havia até então (HOLSTON, 1993, p. 12).

O Plano Piloto, protótipo elaborado pelo arquiteto Lúcio Costa, previa uma cidade dividida em eixos e vias expressas, um centro público para atividades administrativas e cívicas, superquadras residenciais com jardins e dependências coletivas e uma zona recreativa ao redor (HOLSTON, 1993, p. 38). No entanto, não trazia indicações sobre como a cidade deveria ser ocupada.

Iniciada a construção, grande contingente de trabalhadores, fugindo da miséria e da fome, chega à cidade de forma precária. “As viagens eram estafantes e basicamente feitas em transportes precários como caminhões pau-de-arara” (RIBEIRO, 2008, p.76).

Em “O Capital da Esperança”, Gustavo Lins Ribeiro, denuncia as péssimas condições de trabalho e moradia enfrentadas por esses trabalhadores na fase de construção da cidade. Os operários trabalhavam mais de doze horas por dia e alguns chegavam a trabalhar, inclusive, por vinte e duas horas seguidas (RIBEIRO, 2008, p. 23).

Não era previsto local permanente para abrigar os migrantes, que em sua maioria vivia em alojamentos provisórios, barracões, nos canteiros de obras e na Cidade Livre. A área livre de regulamentos aplicados pela Novacap foi batizada posteriormente como Núcleo Bandeirante. A Cidade Livre, segundo o plano original da Novacap, deveria ser um alojamento temporário, que autorizava a oferta de aluguel de residência para aqueles trabalhadores que não conseguissem vagas nos acampamentos (HOSLTON, 1993, p. 245).

Famílias sem tinham condições de pagar aluguéis na Cidade Livre se aglomeravam em ocupações ilegais. “Tinham nomes como Sacolândia, devido os sacos de concreto e outros materiais de construção que os invasores usavam para construir seus barracos” (HOSLTON, 1993, p. 246). Por outro lado, funcionários públicos que eram transferidos do Rio de Janeiro para Brasília recebiam como estímulo salário em dobro – “a dobradinha” – e moradia garantida nas quadras residenciais que estavam sendo construídas.

Assim, quebra-se o mito da cidade igualitária e exclui-se do grande projeto os trabalhadores braçais (PAVIANI, 2010, p. 235). “Ao inaugurá-la, planejava revelar um milagre: uma cidade reluzente, vazia e pronta para receber os que deveriam ocupá-la. Essa apresentação de uma ideia inabitável negava o Brasil que a cidade já havia incorporado: a população dos que a construíram” (HOLSTON, 1993, p. 199).

Como não havia plano habitacional para essas pessoas, a solução do governo foi removê-las para áreas distantes e conter o surgimento de novas invasões (PAVIANI, 2010, p. 235). Paviani se refere a “erradicação de favelados para limpeza de áreas em vias de valorização” (PAVIANI, 1996. 220). A expulsão de trabalhadores e migrantes para áreas distantes do centro de Brasília, aliada a falta de infraestrutura, ausência de moradias e desemprego, geraram segregação socioespacial no DF. Restam aos pioneiros loteamentos distantes de seus locais de trabalho, oferecidos pelo Estado, em áreas desprovidas de infraestrutura básica e de equipamentos coletivos (DOYLE, 1996, p. 120).

A expansão de ocupações irregulares leva à criação das primeiras cidades satélites. “A rebelião dos pioneiros forçou o Estado a reconhecer seus direitos à cidade”, afirma Holston (HOLSTON, 1993, p. 257). Em 1958, era criada Taguatinga, primeira cidade satélite, para onde foram transferidos, com relutância, “milhares de operários e favelados” removidos da favela Sarah Kubitschek, instalada na rodovia Brasília-Anápolis (PAVIANI, 2010, p.235). Taguatinga foi modelo para a criação de novas cidades satélites nos anos seguintes.

Em 1971, a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI), remove moradores da Vila do IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários) para uma região distante trinta quilômetros do centro de Brasília, sem oferecer qualquer infraestrutura aos desalojados. A remoção dá origem a cidade de Ceilândia, mais populosa Região Administrativa do DF.

Nas décadas seguintes, sob pressão popular e para atender uma demanda crescente, o governo do DF elabora políticas para construção de novos conjuntos habitacionais com o auxílio de órgãos como a Sociedade de Habitação de Interesse Social (SHIS) (PAVIANI, 2010, p. 103). “O GDF implantou sucessivas satélites: Gama e Sobradinho no início dos anos 1960; Guará I – nos fins da década, acrescido do Guará II, ao longo dos anos 1970” (PAVIANI, 2010, p.147).

A partir de 1988, com a nomeação do governador Joaquim Roriz e a eleição de deputados para Câmara Distrital, instituições públicas, para obterem apoio político, passaram a usar como “moeda de troca terrenos nos diversos assentamentos semiurbanizados” que se multiplicaram no DF (PAVIANI, 2009, p.80). “Milhares de “sem teto” e inquilinos de fundo de quintal foram aquinhoados com terrenos em Santa Maria, Samambaia, Recanto das Emas, Riacho Fundo, Paranoá, Itapuã e extensões de glebas para moradia em outras cidades-satélites” (PAVIANI, 2009, p. 83). Atualmente, existem trinta e uma Regiões Administrativas (RA’s), onde estão distribuídos quase três milhões de habitantes (CODEPLAN, 2013, p.66).

O fenômeno da segregação socioespacial tem sido objeto de estudo de geógrafos, antropólogos e pesquisadores brasileiros, sobretudo, a partir da observação de experiências oriundas da formação das grandes metrópoles brasileiras nos últimos 60 anos. Ela ocorre em espaços rejeitados pelo mercado e pelo interesse dos agentes imobiliários. Paviani destaca as periferias como a forma espacial de mecanismos de

exclusão e segregação sociais caracterizadas por habitações precárias e insuficientes, ausência de infraestrutura etc (PAVIANI, 2010).

SEGREGAÇÃO SOB O OLHAR DE VLADIMIR CARVALHO E ADIRLEY QUEIROZ

Além de pesquisa bibliográfica, este estudo utiliza análise de conteúdo como método de pesquisa. Segundo o doutor em Psicologia Social e pesquisador suíço, Martin Bauer (BAUER; GASKELL. 2003. p. 190), esta metodologia é feita por meio de comparações e observações de recorrências de fenômenos sintáticos ou semânticos do conteúdo analisado (BAUER; GASKELL. 2003. p. 195). A Doutora em Ciências da Comunicação Manuela Penafria (PENAFRIA, 2009, p. 4) afirma que há várias maneiras e possibilidades de se analisar um filme, no entanto, esta é uma técnica que exige uma observação rigorosa, atenta e detalhada das obras.

Nos documentários “Conterrâneos Velhos de Guerra” e “A Cidade é uma Só?” é possível observar abordagens recorrentes nas diversas cenas e na forma como as narrativas se desenvolvem. A observação propiciou a elaboração das seguintes categorias que serão descritas mais detalhadamente no capítulo seguinte: 1) Sentimento de não pertencimento à cidade versus o desejo de pertencer; 2) Resgate histórico do processo de segregação socioespacial; 3) Remoção de favelas e o surgimento da Ceilândia; 4) Resistência dos trabalhadores – o grito dos excluídos; 5) Especulação imobiliária e 6) Denúncia social;

1) Sentimento de não pertencimento à cidade versus o desejo de pertencer:

Numa das cenas de “Conterrâneos Velhos de Guerra”, Vladimir filma migrantes alojados embaixo de um viaduto no centro da cidade. Um homem identificado como Ceará canta os versos da música *Rojão de Brasília* (1961), do cantor e compositor de forró e música popular Jackson do Pandeiro, e dança alegremente junto de sua companheira. A letra da música é uma exaltação a edificação da nova capital do país: “Ceará: - O Brasil está construindo mais uma grande cidade, antigamente foi sonho, hoje é uma realidade, tá ficando povoado, tô com meu Brasil Central, com sua promessa e glória Bossa-Nova Capital” (CONTERRÂNEOS, 1990, 16 min e 34 seg). A cena traz para o receptor o contraste entre a esperança na fala do entrevistado diante de sua manifestação de alegria com a sua condição de vida de recém-chegado a capital.

Debaixo do viaduto, os desabrigados vivem com instalações precárias. Crianças em situação de grande vulnerabilidade social circulam pelo local.

Em outra cena, aparece o trabalhador Inácio Sertanejo da Silva, morador de uma ocupação na Asa Norte. Em nítida situação de extrema pobreza, cercado por barracos de madeira e pilhas de lixo, Inácio traz o seguinte depoimento: “Inácio Sertanejo da Silva: - Eu me sinto hoje dentro de Brasília, tenho prazer, tenho felicidade, pra mim e pra minha família e pra minha residência (...) quem já fui eu, a situação que eu vivia, hoje dentro de Brasília eu tô tranquilo” (CONTERRÂNEOS, 1990, 6 min e 35 seg). Nos dois depoimentos nota-se o desejo de fazer parte da história da cidade e a esperança por dias melhores na capital. Percebe-se ainda uma desconexão destes com a própria realidade, como uma faísca de ilusão, a partir de um grau extremo de exclusão em um país com profundas raízes de desigualdade social.

O testemunho do arquiteto Oscar Niemeyer no filme ilustra a questão do “não pertencimento” desses trabalhadores. “Oscar Niemeyer: - irmãos que vieram para Brasília para nos ajudar, que construíram esses palácios, apartamentos, escolas e de nada disso usufruíram”. E segundo ele, “- saíram de Brasília mais pobres ainda e foram morar longe da cidade que construíram, vendo-a de longe como um sonho frustrado” (CONTERRANEOS, 1990, 37 min).

O ex-líder sindical e ex-deputado federal Geraldo Campos, um dos entrevistados, menciona em seu depoimento a marcha de carnaval Pedreiro Waldemar, de Roberto Martins e Wilson Baptista (1948) em alusão à condição do trabalhador de Brasília (CONTERRANEOS, 1990, 37 min e 38 seg). A marcha conta a história do pedreiro Waldemar, que de madrugada toma o trem da Circular, “constrói tanta casa, mas não tem onde morar, constrói um edifício e depois não pode entrar”. A fala reforça o sentimento de exclusão quando conta que os todos os operários se sentiam como se fossem um pouco donos de cada obra e havia um sentimento de que estavam fazendo uma cidade também para eles, o que, de fato, não aconteceu.

Em “A Cidade é uma Só?” (A CIDADE, 2011), essa categoria aparece de forma ampla em todo o filme. Nos primeiros quadros a personagem Nancy Araújo canta uma música que está gravando em estúdio, cujos versos são: “Nancy Araújo: - Eu tinha plano de morar no plano, de estudar no plano, era meu plano trabalhar no plano, mas que ledô engano (...) passados anos, tantas lutas, tantos planos, jogaram meus planos na periferia” (A CIDADE, 2011, 5 min e 26 seg). A sequência, em que Nancy canta a

música, está em destaque. A partir dela, o cineasta conduz a narrativa em torno da exclusão socioespacial no DF e a personagem relembra o processo de remoção da Vila do IAPI e a Campanha de Erradicação de Invasões (C.E.I), que deu origem a Ceilândia.

2) Resgate histórico do processo de segregação socioespacial:

A construção narrativa das obras está ancorada em um profundo resgate histórico. Em “Conterrâneos Velhos de Guerra”, Vladimir utilizou imagens de arquivo e imagens oficiais com registros da construção, inauguração e primeiros anos da capital. O elemento histórico se configura como norteador na narrativa e assume papel central. O filme tem como proposta contar a história desses trabalhadores nordestinos ao longo dos quase vinte anos de filmagens. Vladimir vai ainda mais além ao permitir que os próprios trabalhadores e protagonistas contem essa história sob o ponto de vista e experiência deles, uma versão diferente da história oficial da construção de Brasília. Em “A Cidade é uma Só?”, Nancy Araújo busca por fotografias, filmes, documentos e outros materiais do período da Campanha de Erradicação de Invasões (A CIDADE, 2011, 31 min e 40 seg).

3) Remoção de favelas e o surgimento da Ceilândia:

Vladimir Carvalho conversa com dois trabalhadores, Hermínio e Eurípedes, moradores da Ceilândia e integrantes da Associação dos Incansáveis Moradores da Ceilândia (Assimoc) (CONTERRÂNEOS, 1990, 48 min e 34 seg). Hermínio fala sobre o processo de remoção da Vila do IAPI. Vladimir pergunta por que os trabalhadores foram tirados de lá (CONTERRÂNEOS, 1990, 39 min e 40 seg) e Hermínio responde com revolta: “Hermínio: - foi para deixar a capital livre para os turistas quando chegar ter uma boa visão da Capital (...) esse pessoal foi removido aqui para a Ceilândia, jogado no mato, igual joga lixo, para cães, para os animais bravos comer” (CONTERRÂNEOS, 1990, 39 min e 40 seg).

Outro trabalhador, Anísio, paraibano e também morador da Ceilândia, responde pergunta similar e conta que os moradores removidos para mais de trinta quilômetros de distâncias do seu local de trabalho tiveram de conviver com uma realidade muito difícil. Hermínio explica que, além de driblar a falta de infraestrutura na região, os moradores eram obrigados a pagar pelos lotes. O caso de Anísio é bastante simbólico. Vladimir entrevistou o trabalhador pela primeira vez no início dos anos 1970. Ele e sua família tinham acabado de ser removidos da Vila do IAPI para a Ceilândia. Na época, começava a erguer a estrutura de sua casa e tinha esperança de concluir a construção em

cinco anos. Quatorze anos depois, Vladimir retorna a casa de Anísio. O trabalhador, já pai de dez filhos e aposentado, não havia concluído a construção e enfrentava situação de extrema pobreza. No depoimento, queixa-se da falta de comida para alimentar a família, do desemprego do filho mais velho e conta que está catando papel e ferro velho nas ruas para complementar a renda familiar (CONTERRÂNEOS, 1990, 40 min).

A “Cidade é uma Só?” mostra trechos de vídeo oficial da época sobre a remoção dos moradores da Vila do IAPI. “Nancy Araújo: - O que eles queriam na verdade era tirar aquele monte de pobre, tirar a coisa feia que era lá próxima de Brasília e trazer para um lugar mais distante possível (...) era muito mato, muita terra, muita poeira e infra nenhuma”, conta Nancy (A CIDADE, 2011, 9 min) em depoimento a Adirley Queirós.

4) Resistência dos trabalhadores – o grito dos excluídos:

Os movimentos de resistência dos trabalhadores aos acontecimentos e tentativas de exclusão por parte de agentes governamentais também aparecem nas narrativas. Assim, os personagens deixam de ser passivos, se empoderam dessa história e buscam negociar com autoridades na tentativa de reverter esse quadro de exclusão.

Em cena de “Conterrâneos Velhos de Guerra”, um grupo de trabalhadores se reúne em uma assembleia. Trata-se de uma reunião da Assimoc (CONTERRÂNEOS, 1990, 53 min). Eurípedes, um dos associados, conta a Vladimir como e por qual motivo surgiu a organização. Segundo ele, o governo não havia cumprido a promessa de possibilitar aos moradores a compra de lotes e nem facilitar as formas de pagamento. “Eurípedes: - Foi quando nós tivemos de nos organizar para ir à Justiça para fazer com que o Governador cumprisse sua própria lei. Começou pelo movimento dos Incansáveis Moradores da Ceilândia” (CONTERRÂNEOS, 1990, 51 min e 16 seg).

Geraldo Campos afirma que, como consequência de um massacre de trabalhadores no acampamento de construtora Pacheco Fernandes Dantas, em 1958, surgiu o primeiro sindicato organizado dos trabalhadores da construção civil na nova capital. Após o episódio, trabalhadores se mobilizaram para enviar telegramas para outras capitais e denunciar ao Congresso e autoridades sobre o acontecimento. Tais ações agregaram mais trabalhadores à Associação, que acabou se transformando no Sindicato posteriormente. “Geraldo: - Filas imensas se formavam para se filiar (...) eles se convenceram de que a Associação era necessária para sua defesa contra os massacres, sua defesa contra os maus tratos” (CONTERRÂNEOS, 1990, 127 min)

Em “A cidade é uma Só?”, a trama de Dilmar Durães apresenta forte carga emocional. A sua história é permeada de resistência e luta por justiça social, visto que é trabalhador assalariado e morador de cidade-satélite, que empreende de forma solitária e improvisada, uma campanha eleitoral independente. Suas falas carregam a revolta oriunda de um processo de exclusão socioespacial e o desejo de transformar essa realidade pela conquista de um espaço na cena política oficial. Na campanha, Dilmar, reforça o compromisso com os “favelados” removidos nas décadas anteriores para a Ceilândia. “Dildu: - Vamos indenizar os morador (sic) da antiga Vila do IAPI, Morro do Urubu, Placa das Mercedes (...) você que foi abortado aqui, chegou na CEI, no passado, correndo risco, agora você tem que ser indenizado” (A CIDADE, 2011, 38 min e 50 seg).

É fundamental destacar as cenas da manifestação chamada de “Badernaço” (CONTERRÂNEOS, 1990, 148 min). Da Plataforma Superior da Rodoviária do Plano Piloto, Vladimir filma a revolta de um povo. Pessoas derrubam ônibus da polícia no estacionamento da rodoviária. Vários carros sendo quebrados e queimados transformam a Esplanada dos Ministérios em cenário de guerra. As imagens inéditas de grande violência do movimento foram gravadas por Vladimir em novembro de 1986. Com o anúncio do Plano Cruzado após as eleições, brasileiros foram às ruas em demonstração de revolta a medida e incendiariam veículos, lojas, boxes, “numa manifestação impressionante de raiva popular”, como afirma Aramis Millarch (MILLARCH, 1990, p. 107).

5) Especulação imobiliária

As duas obras abordam o tema da especulação imobiliária. Em “A Cidade é uma só”, o personagem Zé Bigode é um vendedor de lotes no setor Sol Nascente, área apontada em inúmeras reportagens como a maior favela do Distrito Federal e da América Latina. Na primeira cena do filme, Zé Bigode é convencido por outro personagem a comprar um lote em uma região praticamente inabitada. Em outra sequência, Zé Bigode conduz seu carro pela cidade e demonstra entusiasmo ao conhecer um novo loteamento em expansão. “Zé Bigode: - Isso aqui era brejo, brejo, agora, olha só. Rapaz, o cara enfiou uma casa aqui no meio do nada, num beco, tudo torto. O povo quer morar, né?”, indaga (A CIDADE, 2011, 15 min).

Em “Conterrâneos Velhos de Guerra”, o tema da especulação se mostra no drama vivido também pelos moradores da Vila Paranoá, uma das regiões mais

cobiçadas para a venda de lotes. O governo expulsa moradores que não teriam condições de comprar um lote na área, como evidencia o depoimento de Geraldo: “Geraldo: - É cara, porque aqui, afinal de contas o senhor tem que ver que nós estamos nos fundos do Palácio da Alvorada (...) com essa área que nós temos aqui é claro que os tubarões, os gaviões (...) tá de olho em cima” (CONTERRÂNEOS, 1990, 130 min).

Nas últimas sequências do documentário de Vladimir, o então Secretário de Serviços Sociais do DF negocia com os chamados “invasores” (CONTERRÂNEOS, 1990, 133 min e 48 seg) em uma favela nas imediações da quadra 110 norte, no Plano Piloto (CONTERRÂNEOS, 1990, 133 min e 10 seg). O governo dá duas opções para os acampados: sair ou receber valor da passagem e ir embora para seu estado de origem.

Com o fracasso da negociação, dezenas de policiais adentram o acampamento e derrubam os barracos. Uma senhora chora ao ver seu barraco demolido. Outra jovem entrevistada por Vladimir demonstra sua falta de perspectiva diante da situação. “Jovem: - Não tenho para onde ir, não?” (CONTERRÂNEOS, 1990, 143 min e 47 seg).

6) Denúncia social

Esse é o elemento mais forte em “Conterrâneos Velhos de Guerra”. Por meio dele, Vladimir denuncia as mazelas, as injustiças, a exploração da classe operária e exclusão dos favelados na história de Brasília. O diretor passa duas décadas atrás de depoimentos de quem testemunhou o massacre da GEB (Guarda Especial de Brasília), ocorrido em fevereiro de 1958, no acampamento da construtora Pacheco Fernandes Dantas, na Vila Planalto.

As testemunhas contam que um grupo de trabalhadores reclamou da comida estragada e da falta de higiene no preparo das refeições (CONTERRÂNEOS, 1990, 98 min). Segundo esses depoimentos, horas depois, policiais da GEB, foram ao acampamento e efetuaram vários tiros contra os trabalhadores que já estavam dormindo. Clementino, um dos sobreviventes do massacre, diz: “Clementino: - O jornal disse que morreram três, mas saía basculantes de defuntos para enterrar no cerrado” (CONTERRÂNEOS, 1990, 107 min). Os números divergem. Enquanto um fala em “mais de trinta homens”, outro de “uma base de umas quarenta pessoas”. “Entre cento e cinquenta a duzentos homens” afirma outro trabalhador.

O contraste é maior, quando se compara com depoimentos de Oscar Niemeyer, Ernesto Silva e Lúcio Costa. Oscar Niemeyer e Lúcio Costa negam ter tido conhecimento sobre o fato na época. Perguntado por Vladimir sobre qual seria sua

reação se tivesse tomado conhecimento do fato no período, Lúcio Costa responde: “– Não teria dado a menor importância. Nenhuma. Isso são episódios. (...) Foi uma coisa como uma espuma. Uma coisa que não tem gravidade, não há motivo para dramatizar” (CONTERRÂNEOS, 1990, 112 min e 30 seg).

Na versão de Ernesto Silva não houve massacre, e sim, uma confusão entre operários durante uma festa que acabou causando a morte de alguém. “Ernesto: - Houve uma briga generalizada num acampamento em que a polícia teve que intervir e que houve, me parece, um morto e alguns feridos, para manter a ordem em uma festa, uma baderna de operários” (CONTERRÂNEOS, 1990, 111 min e 27 seg).

Testemunhos referentes ao “Túmulo do Candango Desconhecido” também denunciam os acidentes causados pela falta de equipamentos de segurança nas obras e de exaustão pelo excesso de trabalho. (CONTERRÂNEOS, 1990, 24 min). Em outra sequência, o médico do Hospital de Base, Gustavo Ribeiro, aborda o surto de Meningite, a falta de saneamento básico e higiene nas cidades satélites e sobre o “problema do menor abandonado”.

“A Cidade é uma Só” denuncia problemas relatados acima como a especulação imobiliária, a injusta exclusão socioespacial dos trabalhadores e também, toca sensivelmente, na questão da violência urbana. Na criação do jingle de sua campanha, Dildu brinca com a linguagem do rap e da violência urbana usando barulhos de tiro como recurso sonoro da sua propaganda eleitoral independente (A CIDADE, 2011, 24 min).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário brasileiro sempre foi uma fonte de conhecimento histórico sobre o nosso povo e sobre a realidade brasileira. Esse traço marcante fortaleceu suas raízes no início dos anos 1960 no Brasil, quando uma nova geração de intelectuais e cineastas passou a utilizar a câmera como estratégia comunicacional para retratar as peculiaridades da sociedade brasileira. Mesmo interrompido por muitos anos, pela censura imposta no regime militar, como forma de denunciar mazelas e gerar uma consciência crítica, o gênero nunca perdeu o fôlego. Do contrário, se reinventa a cada dia com o desenvolvimento de recursos tecnológicos e amplia possibilidades de abordagens a partir da multiplicidade de novas formas e modos de fazer.

Independentemente da forma como vêm sendo feito, o documentário continua a abordar temas extremamente relevantes e a apontar para os problemas do país. O documentário não perdeu o seu viés social de questionar, transformar, engajar, mobilizar. O educador Paulo Freire reforça a importância de revelar a sociedade os conflitos entre oprimidos e opressores e bem como apontar caminhos: “Quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual elas devem incidir sua ação transformadora, tanto mais de inserem nela criticamente” (FREIRE, 2011, p. 54).

Os dois filmes escolhidos como objeto deste estudo também desempenham importante papel na discussão de questões sociológicas, históricas e geográficas como o caso da abordagem de segregação socioespacial do Distrito Federal. Nesse campo, entre opressores e oprimidos, o tema está presente no cotidiano de cada morador do DF e afeta uns diretamente mais que outros.

As narrativas dialogam entre si e criam uma relação de complementaridade. As categorias observadas nasceram dessa relação, desse diálogo das obras com o tema. Observa-se nas duas obras, uma busca pela raiz do problema da habitação desde a época da construção de Brasília. Os dois filmes desmitificam a capital como “epopeia grandiosa” e “capital da esperança”. Um pelo olhar lançado sobre os trabalhadores que ajudaram a erguer uma cidade e não puderam usufruir dela e o outro pela sensação de estranhamento, sentimento de “não pertencimento” de quem nasceu pertinho da capital do país ou foi expulso dela.

Tanto em “Conterrâneos Velhos de Guerra”, como em “A cidade é uma Só?” há uma busca dos diretores pela própria história. Essa assinatura pessoal, esse olhar subjetivo, a partir das próprias vivências, faz parte da arte do documentário (RODRIGUES, 2010, p.62). Existe um pouco da história de cada um nos enredos. Vladimir como migrante paraibano investiga por meio do seu filme a história de seus conterrâneos, que chegaram antes. Adirley, como morador da Ceilândia, tem como tema principal a cidade, que permeia sua vida e sua história, em quase todas as suas obras.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FILMOGRAFIA

BAUER, Martin; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. 2a edição. Editora Vozes.

BERNARDET, Jean-Claude. Cineastas e imagens do povo. São Paulo. Companhia das Letras. 2003

CARVALHO, Vladimir. Conterrâneos Velhos de Guerra. Brasília. GDF – Secretaria de Cultura e Esporte. Fundação Cultural do DF, 1997

CAMPOS, Neio. A Segregação Planejada. In PAVIANI, Aldo. (org.). A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília. Editora Universidade de Brasília, 2a Edição, 2010. (p.109-129)

CODEPLAN – de Planejamento do Distrito Federal. Atlas do Distrito Federal 2017. Disponível em <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Atlas-do-Distrito-Federal-2017.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2018.

FERREIRA, Ignez Costa; PENNA, Nelba Azevedo. Brasília: novos rumos para a periferia. In PAVIANI, Aldo. (org.) Brasília: moradia e exclusão. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1996. (p. 189-212)

GAUTHIER, Guy. O Documentário: um outro cinema. Tradução Eloísa Araújo Ribeiro. Campinas – SP. Papyrus, 2011.

JATOBÁ, Sérgio. (Orgs.) Brasília 50 anos – da capital a metrópole. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 2010.

KUBITSCHKEK, Juscelino. Porque construí Brasília. Rio de Janeiro. Bloch Editores. 1975

MATTOS, Carlos Alberto. Vladimir Carvalho. Pedras na lua e peijas no asfalto. Coleção Aplauso. Imprensa Oficial do estado de São Paulo. São Paulo, 2008.

MILLARCH, Aramis. As imagens que desmistificam a nossa Capital da Esperança. 1990.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Papyrus Editora. Campinas. São Paulo. 2005.

NUNES, José Walter. Imagens em Movimento na História de Brasília. Proj. História. São Paulo. p. 2017 – 240. dez. 2013.

PAVIANI, Aldo. A lógica da periferização em áreas metropolitanas. In SANTOS, Milton.

_____. (Org.) Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 2ª edição, 2010.

_____. (org.) Brasília: moradia e exclusão. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1996.

PDAD 2015. Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios. Acesso em outubro de 2018. <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Ceil%C3%A2ndia-1.pdf> . Acesso em 18 de outubro de 2018.

REVISTA NEGATIVO. MENA, Maurício; IMANISHI, Raquel; REIS, Cláudio. Entrevista Adirley Queirós. 2015. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/revnegativo/article/view/15165/10852>. Acesso em 10 de outubro de 2018.

RIBEIRO, Gustavo Lins. O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 2008. 276 p.

FILMOGRAFIA

A CIDADE é uma Só? Direção: Adirley Queirós. Produção: Adirley Queirós e André Carvalheira. Intérpretes: Nancy Araújo, Dilmar Durães (Dildu), Wellington Abreu e outros. Roteiro: Adirley Queirós. Música original: Guile Martins. Ceilândia: Ceicine, Cinco da Norte CEI, 400 Filmes, 2011. 1 DVD (79 min.), widescreen, cor. Produzido por Ceicine, Cinco da Norte CEI, 400 Filmes.

CONTERRÂNEOS Velhos de Guerra. Direção, roteiro e produção: Vladimir Carvalho. Montagem: Eduardo Leone. Depoimentos: Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Geraldo Campos, Teodoro do Boi, Dona Suzana, Tião Provisório e outros. Produção: Vertovisão. Co-produção: CPCE Universidade de Brasília. Brasil, 1990. (175 min).